



Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

# Anais

## IV Seminário Internacional Sociedade Inclusiva

*Propostas e ações inclusivas: impasses e avanços*

Belo Horizonte  
17 a 20 de outubro de 2006

*Sessões de Pôsteres*

---

Realização:



**EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN , QUE PARTICIPAM DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.**

***Daisy Evangelista Marques***

Graduanda do curso de Ciências Biológicas – PUC Minas - Unidade Betim

***Edelvania Marques***

Graduanda do curso de Ciências Biológicas – PUC Minas - Unidade Betim

***Elisanie Oliveira***

Graduanda do curso de Ciências Biológicas – PUC Minas - Unidade Betim

***Eugênio Batista Leite***

Professor do curso de Ciências Biológicas – PUC Minas - Unidade Betim

***Adriana Moura***

Professora do curso de Ciências Biológicas – PUC Minas - Unidade Betim

Rua do Rosário, 1181, Angola, Betim – MG

(31) 87592416

[\\_edelvaniacb@yahoo.com.br](mailto:_edelvaniacb@yahoo.com.br)

## INTRODUÇÃO

O meio ambiente constitui uma interação de diversos fatores, bióticos e abióticos, e insere-se neste contexto a cultura humana. A natureza tem suas próprias leis que são inerentes a todas as formas de vida do planeta. Uma delas é a seleção natural que, além de abordar em nível de espécie e co-evolução, atua também na seleção de grupo. Os seres humanos não são diferentes das outras formas de vida; apesar de não concordarmos com a condição primária de exclusão do incapacitado, mesmo assim utilizamos mecanismos sociais e culturais na seleção da própria espécie humana. A Educação Ambiental integra o homem à natureza como espécie biológica, com características específicas. Ela nos remete a esta reflexão, aborda um contexto que visa a persuadir os diversos setores da sociedade a uma releitura crítica da realidade. Estimula os cidadãos a uma participação mais efetiva em sua comunidade e a transformar consciências e atitudes num espaço social e global.

As crianças com necessidades educacionais especiais vêm passando por um processo, muitas vezes tido como um desafio, de inclusão ao ensino formal, pois em muitos estados brasileiros ela não constitui prioridade dos órgãos governamentais competentes. O princípio que rege a educação inclusiva é que todos devem aprender juntos, respeitando as dificuldades e diferenças de cada um. Este processo move os pilares da educação formal, difundindo indiretamente seus efeitos para a sociedade, fazendo-a perceber o contexto paradoxal da cultura humana e possibilitando a formação de novos conceitos e valores.

As crianças com necessidades educacionais especiais da cidade de Betim ainda não tinham conhecimento da Educação Ambiental, sendo um público ainda muito carente de atenção por parte da sociedade e suas múltiplas variações. O objetivo deste trabalho é promover, através da Educação Ambiental, o desenvolvimento socioambiental em crianças com síndrome de Down que participam da educação inclusiva; estimular sua inserção no meio ambiente, relacionando aspectos ecológicos e sociais, e assim possibilitar que elas adquiriram novas habilidades e tenham uma aproximação maior da realidade com o meio ambiente; despertar sua compreensão e consciência ambiental, de modo a se

tornarem cidadãos ativos na sociedade e responsáveis por suas atitudes perante sua casa maior, o planeta Terra.

## **METODOLOGIA**

É através de metodologias testadas que se vão efetivar ações e estratégias. O estudo está sendo realizado no Centro de Apoio a Educação inclusiva “Rafael Veneroso” (CRAEI), situado na Rua Bernardino Costa, Arquipélago Verde Betim – MG, um setor da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Betim. A entidade não é uma clínica nem uma escola, ela fornece suporte aos alunos matriculados escolas normais com dificuldades de aprendizagem ou limitação de seu desenvolvimento. A instituição é renomada e considerada uma referência nacional em sua área de atuação.

A metodologia inicial baseava-se em realização de dinâmicas de grupo no CRAEI, uma visita ao Museu de Ciências Naturais da Puc Minas em Belo Horizonte e uma trilha ecológica dentro das dependências do Clube da Fiat em Betim. Mas, de acordo com as necessidades apresentadas pelas crianças, foram inseridas diversas atividades: oficinas de contos de estórias com contextos ambientais, exposição dos temas a serem abordados e, posteriormente, atividades gráficas, como desenhos, pinturas, colagem, murais, etc., com o intuito de verificar o que foi absorvido por elas, qual contexto foi mais interessante e o que era preciso melhorar ou mudar.

## **RESULTADOS**

Apesar de serem realizadas atividades coletivas, os resultados são individuais; cada criança tem seu tempo de desenvolvimento e assimilação dos conceitos passados. O tempo cronológico é apenas um fator, mas não determinante. A quantidade de estímulos ambientais fornecidos não é relevante e sim como estes foram absorvidos.

## **DISCUSSÃO**

Num grupo de crianças heterogêneas, pode haver a presença de crianças com grau de timidez elevada, que são inseridas naquele momento num processo de construção de independência, dentro de um ambiente desconhecido, ou até mesmo crianças que tendem a sua auto-afirmação. As atividades não devem ser estritamente expositivas, a participação das crianças deve ser estimulada, afim de que percebam sua importância na execução da atividade, evitando a dispersão.

Deve-se evitar a abordagem de diferentes contextos, pois as crianças têm seu foco de atenção voltado para a atividade que ela julgou mais interessante, ignorando um segundo contexto. O material que elas julgarem mais interessante, mais fácil de manusear, provavelmente será utilizado com mais frequência ao longo da execução do projeto.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao preparar ou projetar uma atividade e predeterminar o tema nos encontros com as crianças, esquecemos de atos simples e importantíssimos como ouvi-las, e assim descobrir o que elas realmente achariam interessante aprender. Nós nos projetamos no trabalho, criamos expectativas e até nos aborrecemos se tal atividade não sair como o planejado. Mas é importante também recolher nossas limitações, romper limites e deixar se surpreender com beijos, falas e atitudes espontâneas, aproveitando o momento.

Percebe-se que os passos são tão importantes quanto o caminho a ser percorrido. Ao fornecer estímulos sobre a complexidade ambiental, possibilita-se que elas adquiram o conhecimento de outra visão sobre o meio ambiente, além de ser este um momento para aquisição de novas habilidades. Conhecer para compreender e posteriormente agir, mesmo que subjetivamente. As visões que as crianças apresentam sobre a natureza, o meio ambiente, são múltiplas, e às vezes antagônicas, em virtude de um conjunto de fatores, conceitos e realidades diferentes.

## REFERÊNCIAS

BESSION, L. C. *et al.* **Guia prático de Monografias, dissertações e teses: elaboração e apresentação.** São Paulo: Alínea, 2005. 76p.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: Princípios e prática.** 5ª ed. São Paulo: Gaia, 1998. 400p.

JANNUZZI, G. **A luta pela educação do deficiente mental no Brasil.** São Paulo: Autores associados, 1985. 123p.

MARQUES, E. S. *et al.* **Educação Ambiental para crianças que apresentam necessidades educacionais especiais, Síndrome de Down que participam da educação inclusiva.** In: Congresso Ibero Americano de Educação Ambiental, 5, 2006, Joinville, SC. Trabalho apresentado em pôster, Joinville: [s. n.], Abril 2006.

ODUM, E.P. **Ecologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988. 423p.

PENNA, M. T. Integração do portador da síndrome de Down. **Caderno de inovação pedagógica**, nº01, 1994. 74p.

REGEN M. **Mães e filhos especiais: Relato de experiência com grupo de mães de crianças com deficiência.** 1989. 130p.

REIGOTA M.O. **Verde cotidiano: O meio ambiente em discussão.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 152p.

SCHWARTZMAN, J. **Síndrome de Down.** 2ª ed. São Paulo: Mackenzie, 2003. 324p.

TELLES, M.Q. **Vivências integradas com o meio ambiente.** São Paulo: Sá Editoras, 2002. 144p.